

A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA SOB A PERSPECTIVA DA GESTÃO ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

Marina Hellen Tavares Rodrigues

Universidade Estadual do Ceará (UECE/FECLESC), Quixadá, Ceará, Brasil.

E-mail: marina.hellen@aluno.uece.br

Larissy Hellen Viana de Lima Nascimento

Universidade Estadual do Ceará (UECE/FECLESC).

Orientadora: Profa. Dra. Rda. Ivoney Rodrigues Maciel Lima

Universidade Estadual do Ceará (UECE/FECLESC).

RESUMO: Este artigo surge no âmbito da disciplina de Estágio em Gestão Escolar, componente curricular obrigatório do curso de Pedagogia, e resulta das reflexões suscitadas pela experiência vivenciada durante o acompanhamento das atividades da gestão escolar em uma escola pública do município de Quixadá. O objetivo geral desta pesquisa é analisar as percepções da gestão escolar acerca da relação entre família-escola. Como objetivo específico, busca-se compreender as implicações dessa relação na convivência e nos conflitos presentes no cotidiano escolar. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, desenvolvida a partir do relato de experiência do Estágio em Gestão Escolar, realizada em uma escola pública de ensino fundamental do município de Quixadá-CE. O referencial teórico fundamenta-se em Pimenta (1990), Libâneo (2004), Dürkheim (1973), Dessen e Polonia (2007), Souza (2017), Macedo (1996), Fernanda (2014) e Charlot (2000). A partir da literatura científica e das experiências vivenciadas na escola, se vê uma fragilidade na relação família-escola, no qual a gestão escolar enfrenta dificuldades na comunicação e participação das famílias. Concluindo-se que a relação entre escola e família exerce influência direta sobre o comportamento, a aprendizagem e a convivência escolar dos estudantes.

Palavras-chave: Gestão escolar. Relação família-escola. Coordenação Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Este artigo surge no âmbito da disciplina de Estágio em Gestão Escolar, componente curricular obrigatório do curso de Pedagogia, e resulta das reflexões suscitadas pela experiência vivenciada durante o acompanhamento das atividades da gestão escolar em uma escola pública do município de Quixadá. O campo de atuação do estágio foi uma escola da rede pública de ensino fundamental do município de Quixadá, denominada Escola Padre Vicente Gonçalves Albuquerque, que atende estudantes do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental. A instituição oferta ensino regular para as turmas do 5º e 6º anos e ensino em tempo integral para as demais turmas. Em razão dessa organização, a escola possui dois coordenadores pedagógicos, buscando atender às diferentes demandas pedagógicas e administrativas de cada uma das formas de oferta. Durante o estágio, observamos a rotina da

gestão escolar, acompanhando atividades administrativas e pedagógicas desenvolvidas no cotidiano da instituição.

A realização do estágio possibilitou compreender como os fundamentos teóricos da administração escolar se materializam no cotidiano da instituição, evidenciando a complexidade da gestão, especialmente no contexto da rede pública de ensino. Conforme destaca Pimenta (1990), o estágio deixa de ser apenas um componente isolado do currículo e passa a assumir um papel central na formação docente, ao favorecer a análise, a reflexão e a compreensão crítica das práticas desenvolvidas nas instituições escolares. Conforme menciona Luck (2009), de forma abrangente, que a gestão escolar é o ato de gerir e intervir de forma organizada na dinâmica cultural da escola, contemplando o trabalho da direção escolar, da coordenação pedagógica, da orientação educacional e da secretaria da escola, considerando a participação ativa de todos os professores e da comunidade escolar.

Nesse contexto, a vivência junto à gestão escolar evidenciou a importância da relação entre família e escola para a construção de um ambiente escolar harmonioso, bem como os desafios enfrentados diante da ausência de diálogo e parceria entre essas instâncias. Assim, a partir dessa experiência, emergiu o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a gestão escolar percebe a relação entre família e escola e como a desassistência familiar influencia no comportamento dos alunos no cotidiano escolar?

Nessa perspectiva, a relação entre família-escola configura-se como um elemento fundamental no processo de desenvolvimento humano, pois ambas se constituem como instâncias centrais de socialização e formação dos sujeitos. Essas duas instituições, embora apresentem funções específicas e distintas, compartilham um objetivo em comum, contribuir para a formação integral da criança e do jovem, atuando de maneira complementar ao longo de sua trajetória educacional. Nesse sentido, a Constituição Federal estabelece que:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010).

Ainda, nesse sentido, o sociólogo Émile Durkheim (1973, p. 34) destaca:

O ponto de partida é a família, o espaço privado das relações de intimidade e afeto, em que geralmente pode-se encontrar alguma compreensão e refúgio, apesar dos conflitos. É o espaço onde se aprende a obedecer a regras de convivência, a lidar com a diferença e a diversidade.



Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, desenvolvida a partir do relato de experiência do Estágio em Gestão Escolar, realizada em uma escola pública de ensino fundamental no município de Quixadá-CE. Os dados foram produzidos por meio de quatro observações realizadas em setembro de 2025 e registradas em diário de campo, além de uma entrevista semiestruturada com os coordenadores pedagógicos, realizada ao final do período de observação, com posterior transcrição dos registros para análise. Nas observações, nos concentramos em compreender quais atividades são atribuídas à gestão e identificamos a relação família-escola como um ponto importante a ser analisado na realidade daquela escola.

Diante disso, este artigo tem como objetivo geral analisar as percepções da gestão escolar acerca da relação entre família e escola. Como objetivo específico, busca-se compreender as implicações dessa relação na convivência e nos conflitos presentes no cotidiano escolar.

DESENVOLVIMENTO

A família constitui o primeiro espaço de aprendizagem e de formação das experiências sociais, educativas e culturais da criança. É nesse ambiente inicial que se constroem as primeiras formas de comportamento, influenciando de maneira significativa o desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades. Conforme destaca Fonseca (2011), “a educação bem-sucedida da criança na família é a que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto”.

O fator humano configura-se como um dos principais desafios para a atuação da gestão escolar. É um trabalho essencial, como afirma Luck (2009, p. 82):

Em suma, as pessoas, com sua competência, comprometimento e capacidade de ação coletivamente organizada, constituem-se na alma da escola e a base da sua qualidade educacional. E é importante o destaque de que são as pessoas, trabalhando em conjunto, de forma integrada, compartilhando competentemente responsabilidades, que fazem a diferença na qualidade do trabalho educacional promovido pela escola.

As instituições escola e família encontram-se intrinsecamente interligadas no processo educativo. A família configura-se como o primeiro espaço de formação da criança, enquanto a escola representa o âmbito formal desse processo educacional. Embora essa relação seja amplamente reconhecida na literatura científica, sua efetivação na prática apresenta desafios significativos. Embora a aproximação com o núcleo familiar seja um processo complexo, atua como um elemento fundamental para o funcionamento e a organização do contexto escolar.

Observa-se, ainda, que a delimitação dos papéis entre escola e família nem sempre é clara, o que pode gerar conflitos e sobrecarga de responsabilidades para os coordenadores pedagógicos. Isso ocorre, especialmente, quando funções tradicionalmente atribuídas à família passam a ser assumidas pela escola, ou vice-versa. Para Dessen e Polonia (2007, p. 22), a família e a escola são instituições distintas, mas complementares, conforme explicitam:

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e a apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo.

De acordo com Souza (2017), a relação família–escola é marcada por ambivalências, podendo envolver cooperação, parceria e complementaridade, mas também conflitos, tensões e assimetrias de poder. Essas contradições estão relacionadas, em grande parte, às transformações do núcleo familiar. Assim, não se pode falar em uma única forma de relação entre escola e família, mas em diferentes maneiras de interação, influenciadas por fatores socioculturais, econômicos e históricos.

Dessa forma, a relação escola–família deve ser compreendida como uma relação educativa, dinâmica e em constante construção, que exige diálogo, respeito às diferenças e corresponsabilidade entre os envolvidos. Quando pautada na cooperação e no reconhecimento mútuo, essa relação contribui para o desenvolvimento de práticas educativas mais inclusivas e significativas. Para Fernandes (2014, p. 14), “família e escola são pontos de apoio e sustentação ao ser humano, são marcos de referências existenciais; quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação do indivíduo”.

Embora os coordenadores pedagógicos reconheçam as ações que precisam ser desenvolvidas, o trabalho em conjunto com as famílias nem sempre acontece de forma efetiva, sobretudo em razão das dificuldades de acesso, comunicação e participação. Durante o acompanhamento das atividades dos coordenadores, foi possível observar uma rotina bastante movimentada, especialmente em relação ao atendimento aos estudantes. Os estudantes dirigiam-se à coordenação com as mais variadas questões, destacando-se os conflitos no interior das salas de aula, que, em alguns momentos, chegaram a níveis de violência física.

Nesse contexto, quando os coordenadores intervenham nas situações e tentavam contato com os familiares para dialogar sobre quais medidas poderiam ser realizadas, obtinham respostas negativas, uma vez que alguns responsáveis informaram não conseguir comparecer à

escola. Essa desassistência familiar também era observada na fala dos próprios estudantes, que demonstraram estar cientes da ausência da família e, com isso, das consequências de suas ações. Nesses casos, a equipe de gestão aplicava advertências e solicitava a presença dos responsáveis.

Tal realidade evidencia como a ausência ou a fragilidade da participação familiar repercute diretamente no cotidiano escolar, influenciando o comportamento dos estudantes e ampliando os desafios enfrentados pela gestão. Observou-se ainda que o diálogo, muitas vezes utilizado pela coordenação como ferramenta de mediação, era rejeitado por alguns estudantes, que demonstravam resistência em conversar sobre as situações vivenciadas no cotidiano escolar.

Observou-se, ainda, que a postura indisciplinada em relação às atividades escolares contribui para o surgimento de dificuldades no processo de aprendizagem e para o aumento de problemas disciplinares no ambiente escolar, que se manifestam de diversas maneiras, incluindo atitudes de desrespeito dirigidas a professores e coordenadores, episódios de agressão verbal e, em alguns casos, física, bem como conflitos recorrentes entre os próprios alunos. Esses eventos comprometem o clima escolar, prejudicam o processo de ensino-aprendizagem e afetam a convivência coletiva. Ademais, verificou-se que, sem o apoio emocional necessário ou a maturidade para lidar com determinadas situações, os estudantes tendem a externalizar suas tensões por meio de comportamentos indisciplinados, agressividade verbal e resistência às atividades propostas.

Ainda que as razões para essa desassistência familiar sejam, em certa medida, perceptíveis, é importante considerar que o público atendido pela escola se encontra em situação de vulnerabilidade social, insegurança alimentar, insegurança na moradia, insuficiência na renda, ou seja, famílias desassistidas. Em alguns casos, observam-se também dificuldades nas relações de convivência familiar, como conflitos recorrentes, situações de violência e dependência química, fatores esses que são processos de destruturação familiar. Tal realidade é bem exemplificada por Macedo (1996, p. 12), ao afirmar que:

Esta é uma relação permeada pelos mais diversos fatores: os desejos de que a escola lhes oferece o melhor, em todos os aspectos; o medo do fracasso escolar; o pouco interesse pela vida escolar dos filhos; as questões de rejeição ou negligência; as dificuldades pessoais dos pais; o contexto socioeconômico-histórico em que se fundamenta a família; a permissividade ou o autoritarismo; as relações de amor e hostilidade; a violência contra os filhos ou entre familiares; as atitudes, padrões e

valores morais da família; o relacionamento entre casal e filhos; doenças, separação, desemprego; os diferentes modelos de organização familiar.

A partir da realidade apresentada, é possível delinear as características da área onde a escola está localizada e onde reside a maioria dos alunos atendidos. A instituição situa-se numa

região periférica e, conseqüentemente, atende predominantemente alunos da comunidade. O bairro é marcado por frequentes registros de violência, além de apresentar significativas fragilidades estruturais, como insuficiência de saneamento básico, presença de terrenos baldios, ruas sem pavimentação, áreas sujeitas a danos e casas com estruturas precárias. Há também um elevado índice de população de baixa renda, configurando um território socialmente desassistido.

Nesse contexto, a gestão escolar da instituição investigada aponta a fragilidade estrutural familiar como um dos principais desafios enfrentados. Tal realidade impacta diretamente o comportamento dos alunos, refletindo-se em episódios de indisciplina e resistência no ambiente escolar. Alguns estudantes acabam reproduzindo, no espaço escolar, comportamentos e dinâmicas semelhantes às vivenciadas em seus contextos comunitários.

Para além das questões comportamentais, a ausência de acompanhamento familiar também se reflete no desempenho acadêmico dos estudantes. Surgem, então, questionamentos sobre os fatores que contribuem para a participação limitada dos pais e/ou responsáveis: estaria ela relacionada ao fato de muitos não terem concluído o ensino básico? Ou à dificuldade de conciliar as rotinas de trabalho com os horários da escola, muitas vezes incompatíveis?

Durante as observações, constatou-se que alunos em fase de conclusão do Ensino Fundamental ainda apresentam fragilidades relacionadas a competências básicas de leitura e escrita, necessitando, em alguns casos, de apoio para compreender atividades e avaliações. Esse cenário evidencia que a participação da família é um elemento importante para o desenvolvimento escolar e para a efetivação das práticas pedagógicas. Nessa perspectiva, Fonseca (2011) afirma que “a criança cuja família participa de forma mais direta no cotidiano escolar apresenta desempenho superior em relação àquelas cujos pais estão ausentes do processo educacional”.

Grande parte dessas famílias encontra-se em situação de vulnerabilidade socioeconômica e, em alguns casos, inserida em contextos de violência e insegurança, fatores que impactam diretamente o desenvolvimento emocional e escolar dos estudantes. Somam-se a isso rotinas de trabalho extensas e uma participação limitada na vida escolar dos filhos.

Embora esses desafios ultrapassem a capacidade da escola de solucioná-los integralmente, considerando a realidade vivenciada por muitas famílias brasileiras, esse cenário reforça a necessidade de que a escola desenvolva estratégias de acolhimento, acompanhamento pedagógico e fortalecimento do vínculo com as famílias, buscando minimizar os impactos dessas adversidades no cotidiano escolar e favorecer melhores condições de aprendizagem aos estudantes.

Além disso, os coordenadores apontam que a fragilidade na relação entre escola e família acaba repercutindo diretamente na dinâmica interna da instituição, especialmente na relação entre alunos e equipe gestora. A gestão escolar passa a assumir, em muitos casos, funções que extrapolam o âmbito pedagógico, lidando com conflitos disciplinares, questões emocionais e situações de vulnerabilidade que chegam à escola por meio dos alunos. Isso tende a gerar tensões no cotidiano escolar, uma vez que o diálogo com os estudantes nem sempre ocorre de forma mediada pelo apoio familiar, o que contribui para o surgimento de relações marcadas por conflitos, resistência às normas e dificuldades na construção de vínculos baseados no respeito e na corresponsabilidade.

Conforme relato da equipe gestora, “apesar de todas as dificuldades, como famílias ausentes e alunos indisciplinados e desmotivados, o modelo que rege a escola é positivo, pois concentrar-se nos pontos positivos e buscar ampliá-los é o melhor caminho a seguir”. A escola está situada em um bairro marcado por vulnerabilidade financeira, social e familiar, o que faz com que os alunos levem para o ambiente escolar vivências que, muitas vezes, intensificam essas dificuldades no cotidiano da instituição. Essa realidade evidencia como a ausência de diálogo e de parceria entre escola e família impacta diretamente o comportamento, a aprendizagem e a convivência no espaço escolar, constituindo o ponto de partida para as reflexões desenvolvidas neste artigo. Conforme expressa Libâneo (2004, p. 32):

A escola da qual a sociedade necessita hoje é aquela que luta contra a exclusão econômica, política, cultural e pedagógica, provendo formação básica, científica, estética e ética, além do desenvolvimento cognitivo e operacional. Trata-se de um espaço que articula a cultura vivenciada no cotidiano, a cultura formal e o conhecimento sistematizado (LIBÂNEO, 2004, p. 32).

A escola busca promover essa aproximação, conforme relatado pelos coordenadores, por meio de programas, como por exemplo: O projeto Busca Ativa Escolar é uma iniciativa desenvolvida em 2017 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), em parceria com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME). Os estados e municípios que aderem ao projeto recebem, de forma gratuita, acesso a metodologias de implementação e suporte técnico. A forma como cada instituição trabalha com o projeto pode variar conforme a realidade local, mas seus principais objetivos concentram-se em identificar, registrar, encaminhar novamente à escola e acompanhar estudantes em situação de evasão ou risco de abandono, buscando garantir o acesso e a permanência no ensino.

Na instituição em questão, o projeto é chamado “Quem falta, faz falta”. Por meio dessa iniciativa, a equipe gestora realiza visitas às residências dos estudantes, buscando compreender a realidade familiar e identificar estratégias que contribuam para a redução das faltas e para o

retorno efetivo dos alunos à escola. Trata-se de uma ação que exige tempo, diálogo e acompanhamento contínuo, uma vez que nem sempre as famílias se mostram disponíveis ou abertas a compartilhar suas dificuldades. Ainda assim, a equipe avalia a iniciativa de forma positiva, considerando os resultados alcançados e a oportunidade de conhecer melhor o público atendido.

O projeto “Aluno Destaque”, é outra iniciativa que busca valorizar o desempenho e o comprometimento dos estudantes ao longo do período letivo. Por meio desse projeto, os alunos que se destacam em critérios como participação, comportamento e rendimento escolar recebem reconhecimento simbólico, como medalhas e certificados, com o objetivo de incentivar o interesse pelos estudos, a motivação e o engajamento nas atividades escolares.

A gestão escolar também aponta a falta de apoio institucional para o atendimento de estudantes laudados, que apresentam dificuldades de aprendizagem, já que a escola não dispõe dos recursos necessários para oferecer acompanhamento especializado. Esse suporte poderia se manifestar de diferentes formas, incluindo suporte financeiro, técnico e, sobretudo, capacitação profissional. No caso em questão, uma das principais carências identificadas é a formação adequada dos docentes para atuar com alunos com neuro divergências. Esses estudantes representam o maior número de casos de evasão escolar, uma vez que turmas superlotadas dificultam que o professor ofereça o devido acompanhamento, e os profissionais contratados para prestar esse suporte não possuem formação específica na área. Essa realidade demonstra que, apesar do empenho da gestão, sua atuação depende do apoio de políticas públicas e de melhores condições institucionais.

No que se refere ao apoio psicossocial, a instituição conta com profissionais da Psicologia vinculados ao Centro de Formação, Monitoramento, Acompanhamento e Atendimento à Inclusão (FORMAI) do município de Quixadá. Esses profissionais realizam ações coletivas, como rodas de conversa e palestras, além de atendimentos individuais. Durante o período de observação, acompanhou-se uma palestra alusiva ao Setembro Amarelo, campanha nacional de conscientização sobre a prevenção do suicídio no Brasil, que foi recebida de forma muito positiva pelos estudantes. No entanto, embora essas ações sejam relevantes para o desenvolvimento emocional e social dos alunos, elas não ocorrem de forma contínua, em função da indisponibilidade de horários dos profissionais envolvidos.

Diante desse cenário, evidencia-se a necessidade de que a escola, em articulação com a família, desenvolvam estratégias pedagógicas que busquem minimizar os impactos dos conflitos observados, muitos deles relacionados ao contexto familiar e social dos alunos. A realização de atividades interdisciplinares, como práticas esportivas, gincanas, competições

educativas e ações que podem contribuir para o engajamento dos estudantes, favorecendo sua permanência na escola, o interesse pelas atividades pedagógicas e uma relação mais positiva com o ambiente escolar.

Segundo Bernard Charlot (2000), a relação com o saber escolar deve contribuir para o desenvolvimento da identidade do sujeito, de suas expectativas e de suas referências em relação a si mesmo, aos outros e à sua família. Nessa perspectiva, ao discutir o significado da escola e do conhecimento escolar para os estudantes e suas famílias, observa-se que esse processo está fortemente associado às expectativas de futuro. Assim, a escola configura-se como uma instituição estruturada e alinhada às demandas da sociedade, desempenhando um papel fundamental na formação dos alunos, na construção de suas expectativas e no desenvolvimento de suas perspectivas sociais e profissionais.

A partir das experiências vivenciadas na escola, os estudantes podem compreender melhor sua própria realidade e o contexto em que estão inseridos, ainda que essas reflexões se desenvolvam de forma gradual, constituindo-se aos poucos.

CONCLUSÕES

A relação entre escola e família exerce influência direta sobre o comportamento, a aprendizagem e a convivência escolar dos estudantes. A presença limitada das famílias impacta esses aspectos, e, segundo os coordenadores entrevistados, o vínculo com a família ainda é difícil de consolidar, dado o contexto de vulnerabilidade social e familiar em que vivem. Nessa perspectiva, observa-se que a fragilidade desse vínculo contribui para o surgimento de conflitos escolares e baixos níveis de acompanhamento dos alunos. Embora alguns projetos incentivem a presença e o desempenho desses estudantes, eles não são suficientes para aproximar efetivamente as famílias da escola, sendo necessário criar mais estratégias que, além de motivar os alunos, envolvam os responsáveis, mostrando a sua importância no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 fev. 2026.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>. Acesso em: 10 jan. 2026.

DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. Buenos Aires: Schapire, 1973.

FERNANDES, Alexandra de Cássia Oliveira Galvão. **A família na vida escolar**. João Pessoa: UEPB, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar: teoria e prática**. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LUCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

MACEDO, Lino. Apresentação. In: ALTHUON, B.; ESSLE, C.; STOEBER, I. S. **Reunião de pais: sofrimento ou prazer?**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 12.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: teoria e prática – diferentes concepções**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOUZA, Fábio. Notas sobre a relação família-escola na contemporaneidade. **Revista Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 51, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n1p124>. Acesso em: 27 dez. 2025.

